

# INFERIOR E REPUGNANTE

Anda novamente a estabelecer-se nos escaparates das livrarias um volume de bella apresentação gráfica (embora inferior à da primeira edição) em que o respectivo autor pretende fabulizar satiricamente determinado período histórico e a sua personalidade dominante. Em principio, nada temos que opor à intenção: não só o autor é livre de se ocupar da matéria que mais possa aprazê-lo, mas também é geralmente reconhecido que já mais houve alguém verdadeiramente grande a cujo respeito se não tivessem feito tentativas de similar natureza. A passagem do propósito à realização reclama, todavia, a reunião de certo número de qualidades, na primeira linha das quais se apontará exactamente a capacidade satírica, sem esquecer a sublimação dos recalcamentos e ódios numa perspectiva de limpida transposição.

Ora, o que se verifica, antes de mais, é faltarem totalmente essas qualidades a quem se meteu a elaborar o volume em causa, sensaborão e cansativo, que só por sacrificio se consegue ler até ao fim, apesar do reduzido texto. Onde se exigiria a agilidade do mestre esgrimista, floreando uma pena que tocasse seguramente os pontos vitais, surge um primitivo cego, manejando uma clava de que furiosamente erra os golpes. Onde seria indispensável o espirito fino e contundente, que num simples traço consegue expor à irrisão o objecto da sátira, aparece um matarruano canhestro a arrastar os pés e a expectorar sanhudamente. In-de, enfim, a força da fabulação se tornaria imperativa para superar as dificuldades de uma história em larguíssima parte ignorada, o que encontramos é a completa inépcia construtiva, fingindo disfarçar-se com piscadelas aos cúmplices e laboriosas diligências perdidas para fazer despertar ao menos um sorriso.

Houve um dia quem dis-

sesse: passa-se sete vezes uma gargalhada à volta de uma instituição e essa instituição alui-se (citamos de memória, mas temos a certeza de não desvirtuar o significado da frase, embora as palavras possam não ser bem estas). Se alguma vez foi assim, duvidamos de que ainda o seja — pois, contrariamente ao brocardo, todos os dias temos ocasião de ver que o ridiculo já não mata. No entanto, mesmo quando essa regra haja tido efectividade, seria necessário que a gargalhada fosse clara como as trombetas de Jericó, e provocada de modo a atingir, não só os de antemão dispostos a colaborar na irrisão proposta, mas também todos aqueles a cujo conhecimento chegasse. Aos segundos, porém, o autor do volume em referência não arranca nem o mais ligeiro sorriso; e mesmo aos primeiros, não obstante o incenso sectariamente queimado, alimentamos a dúvida de que o seu riso tenha passado de amarelo, tão evidente é a inferioridade da coisa.

Encontramo-nos, pois, em face de um produto indiscutivelmente inferior — sem força, sem agilidade, sem espirito — e, quando nos lembramos de sátiras brilhantes que, por esse mundo, certas figuras têm suscitado, esta má redacção em português mas a cava do entristecemo-nos profundamente pela nossa literatura. Sem dúvida, passado o successo de escândalo, a coisa extinguir-se-á por si própria, e em poucos anos apenas causará vergonha, quem sabe se inclusivamente ao próprio autor, que dizem capaz de realizar obra aceitável e moutros registos. Apesar de tudo, foi dada a público em Lisboa, e idêssão constitui mácula que não será possível deitar, além de manifestar o primarismo ou o mau gosto dos que lhe deram successo — para não falar do espirito mórbido que, em bom número de casos, terá orientado à compra.

Tudo isto, claro, partindo-se da hipótese de que o au-

tor pretendeu fazer obra satírica; mas talvez apareçam alguns alegando que não se trata de tal, e sim de um panfleto ou libelo. Nesse caso, porém — retorquirmos —, pior ainda. Porque, se como sátira é de irremediável mediocridade, como panfleto ou libelo pura e simplesmente não existe. Para cultivar esses géneros são impraticáveis o vigor da acutilância, a veemência do impeto, a exactidão dos fundamentos, o carácter directo e impiedoso da investida. Ora, nada disso consegue topar-se no produto em referência, pseudo-fábula tecida entre a falsidade e a inépcia, em que tanto reboia a má fé quanto falce o talento ou ao menos o simples engenho.

Sintetizemos, portanto: a coisa em questão não faz rir, não convence e nem solicita adesões (salvo se nessas contarmos as dos antecipadamente convencidos). Torna-se licito, consequentemente, afirmar que constitui dos mais rotundos e estrepitosos falhanços chegados ao nosso conhecimento. Aparece agora em segunda edição, embora também sejam conhecidos os processos industriais de rapidamente alcançar essa meta, contando com a simpatia dos eventuais compradores. Todavia, para um autor que não tenha descido a tal grau, deve ser bem pequena satisfação; certamente os parceiros não deixarão de lhe exaltar a coragem desmistificatória — mas pedimos licença para a negar, vendo como o fulano autor apenas se mostrou disposto a patentear-la depois de estar certo de que ela não o prejudicaria, antes (materialmente) pelo contrário.

Nestas condições, a immortância que certos sectores têm atribuído ao produto poderá parecer excessiva — e, em certo sentido, sem nenhuma dúvida o é. Excessiva, desmesuradamente excessiva, se o encarmos pelo ânculo da sua possível valia literária. Excessiva, absurdamente excessiva, se o examinarmos pelo que possa conter de pan-

fletarismo político. Excessiva, fartamente excessiva, se o considerarmos pela influência que possa ter exercido (tanto mais quanto o seu elevado custo por certo, dissuadiria muitos de o adquirir). Mas não são esses os únicos critérios que devem ser contemplados no julgamento de semelhantes coisas. Por mais que alguns se esbofem a pretender negá-lo, há, além do mais, o respeito que deve sempre ser exigido pelas crenças e opiniões alheias — que podem ser combatidas, mas nunca insultadas.

Ora, o que encontramos no tal volume é precisamente isso. Antes de mais, o autor que se presta ao papel de impune injuriador de quem não pode defender-se; já o fabulista narrou a história do asno que foi escoicear o leão moribundo, mas no caso vertente ainda é pior — é a do escrevinhador, que vai rabis-car frase, torpes na sepultura do gigante. Um tal espectáculo não pode deixar de causar náuseas a qualquer espirito sã, a qualquer sensibilidade bem formada. Mais grave ainda, porém, nos atreveremos a considerar o insulto a todo um povo, seja nas suas crenças e convicções, seja na imagem miseranda que dele é traçada. E na pena do autor nada se salva, dos mais puros quadros religiosos, passando por instituições venerandas, até à honrada e difícil vida dos simples — tudo vai de roldão envolvido no vômito insultuoso que aí está à venda por puxado preço.

O autor é culpado, sem dúvida. Os editores culpados são, indiscutivelmente. E é muito fácil pedir providências às autoridades, unicamente delas confiando a sanidade pública. Mas não será verdade que os maiores culpados somos quantos deixamos a abjecção em causa repoltriar-se nos ouropéis do êxito escandaloso e, de alguma forma, para ele contribuímos? Em última análise, cabe a todos os insultados obterem satisfação das injúrias sobre as bolsadas